

Brasil: no fim do Temer?

thenextrecession.wordpress.com/2017/05/20/brazil-at-the-end-of-its-temer

Michael Roberts - O que é isso?

20 de maio de 2017

A notícia de que o presidente de direita Temer foi pego tentando subornar políticos para manterem silêncio sobre alegações de corrupção aumenta a probabilidade de que ele seja acusado pelo Congresso brasileiro este ano. Temer já é o presidente mais impopular da história democrática do Brasil. Ele só assumiu o cargo organizando um "golpe constitucional" que derrubou a presidente eleita de centro-esquerda Dilma Rousseff com base nas chamadas "violações orçamentárias". Uma aliança de partidos a favor de medidas pró-capitalistas para cortar salários, benefícios sociais e pensões tomou conta do Congresso para apoiar Temer. Os mercados de ações e a moeda do Brasil cresceram e o capital internacional voltou a investir.

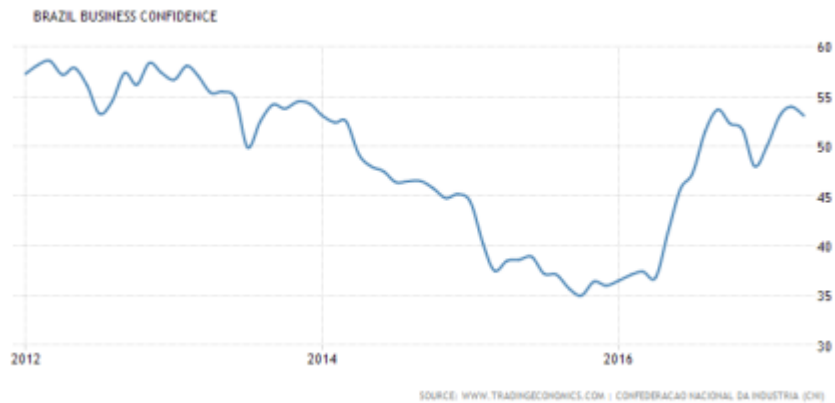
Mas agora todas essas "reformas" no interesse da lucratividade estão em perigo. Embora as políticas neoliberais adotadas pelos presidentes anteriores do Partido dos Trabalhadores, Lula e Dilma, tenham levado a uma perda de apoio entre a classe trabalhadora do Brasil e seu eventual fim, a aliança liderada por Temer nunca comandou o apoio da maioria e o último escândalo pode ver seu fim.

Onde isso deixará a economia brasileira e seu povo é difícil de julgar – espero que meus leitores brasileiros expliquem. Mas aqui posso acrescentar que o objetivo do governo Temer tem sido claro: aumentar a baixa lucratividade da indústria e do capital brasileiros reduzindo a parcela destinada ao trabalho; destruindo sindicatos e outras tendências de oposição; e recorrendo ao capital estrangeiro para obter apoio.

O grande motivo da queda do governo Dilma foi a economia. Após o colapso dos preços das commodities por volta de 2011, a economia brasileira mergulhou em uma recessão tardia, mas profunda. E ainda está nessa recessão econômica.



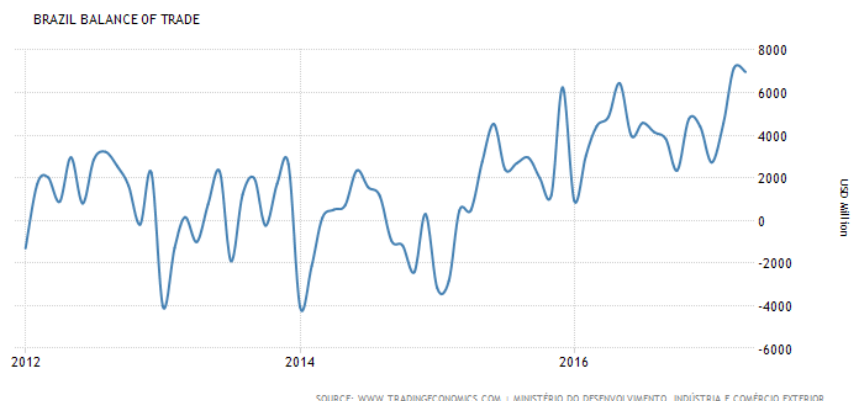
Mas Temer e o capital brasileiro, depois de expulsar Dilma, esperavam que uma recuperação geral na economia mundial se espalhasse para o Brasil. As coisas mudariam e os capacitariam a consolidar seu governo. E houve alguns sinais de tal recuperação. Os negócios brasileiros mostraram sinais de mais confiança.



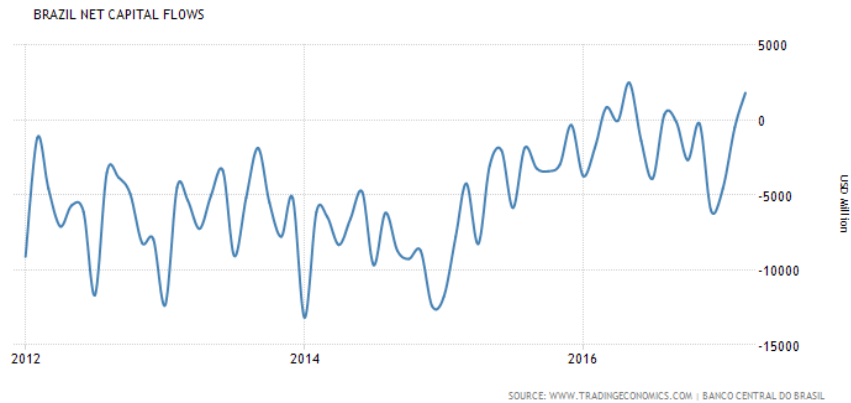
Embora os preços das commodities não tenham retornado às alturas vertiginosas de antes de 2010, eles pelo menos reverteram um pouco de seu profundo colapso no período até o final de 2015. Além disso, no último ano, parece que o prognóstico de um colapso na China e uma desaceleração nos EUA não se materializou. E a China e os EUA são de longe os maiores mercados de exportação do Brasil.



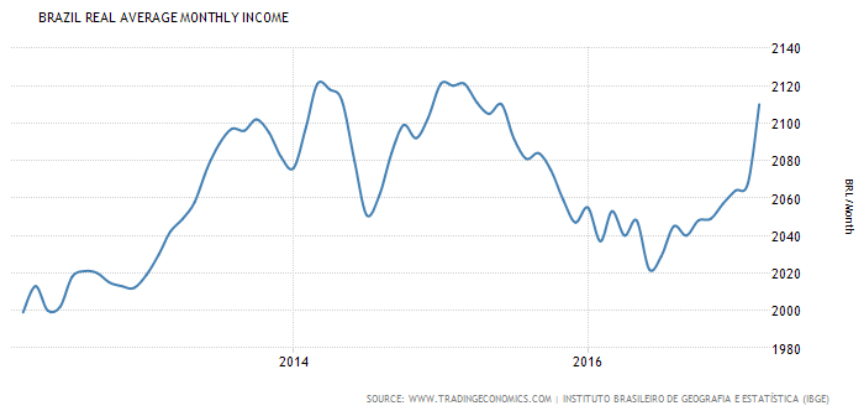
Além disso, a recessão econômica levou a uma grande queda nas importações de bens estrangeiros. Então, a balança comercial do Brasil melhorou.



E após uma significativa "fuga de capital" de brasileiros ricos sob Dilma, o investimento estrangeiro começou a retornar ao Brasil, devido ao seu governo pró-capitalista.



Um dos resultados da depressão profunda foi a inflação em queda acentuada. Então, embora os salários da família brasileira média tenham estagnado ou até caído, em termos reais (após inflação) eles aumentaram, mesmo que apenas para o nível de dois anos atrás.



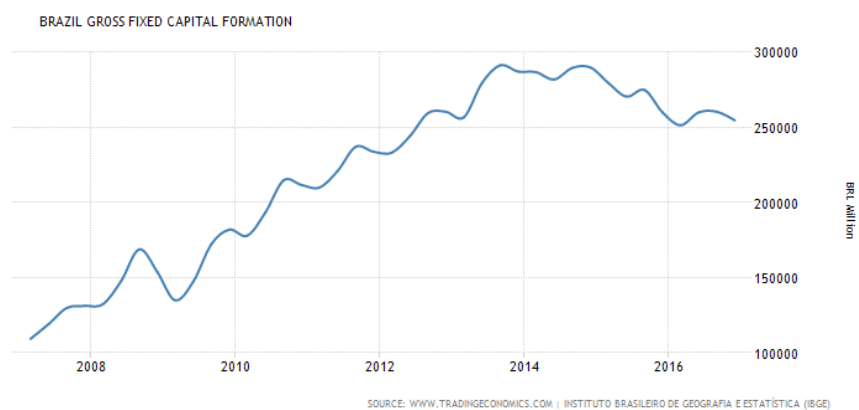
Mas o desemprego continua aumentando à medida que as empresas brasileiras cortam funcionários e os empregos no setor público são dizimados.



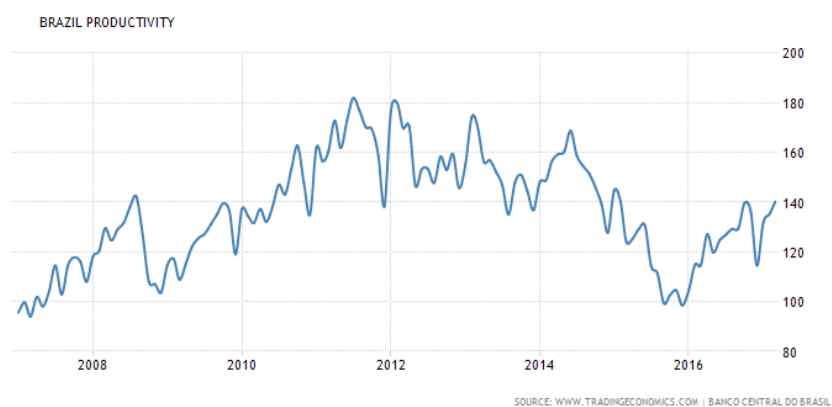
O futuro de médio prazo para a economia do Brasil não parece brilhante, apesar do otimismo recente dos economistas tradicionais e políticos pró-capitalistas no Brasil. Foi um boom de commodities que alimentou grande parte do crescimento do PIB do Brasil antes de 2010. A participação do país nas exportações globais de recursos não petrolíferos aumentou de 5% em 2002 para 9% em 2012. Hoje, os preços das commodities permanecem altos em comparação com suas médias históricas, mas o aumento excepcional na demanda e nos preços se estabilizou.

Ao mesmo tempo, tanto as famílias quanto as empresas continuaram sobrecarregadas com dívidas significativas. A dívida das famílias cresceu de 20% da renda em 2005 para 43% da renda em 2012, e altas taxas de juros reais (média de 145% em cartões de crédito) tornam isso um fardo pesado para os consumidores. Do lado do governo, as despesas federais aumentaram de 15,7% do PIB em 2002 para 18,9% em 2013, principalmente devido aos pagamentos de juros sobre a dívida. Como resultado, os impostos já subiram de 29% do PIB em 1995 para 36% em 2013, o nível mais alto entre os pares de mercados emergentes do Brasil. Como uma parcela do PIB, a dívida bruta do setor público do Brasil é menos de um terço da do Japão, mas seus custos de serviço da dívida são quase 15 vezes maiores.

Acima de tudo, há poucos sinais de que o capital brasileiro pode realmente desenvolver as forças produtivas da economia e de seu povo. As exportações de recursos e o consumo alimentado por crédito não se traduziram em maior investimento ou produtividade. Entre 2000 e 2011, a taxa geral de investimento do Brasil foi em média de 18% do PIB, abaixo daquela de outras economias em desenvolvimento, como o Chile (23%) ou o México (25%), e muito abaixo daquelas da China (42%) e da Índia (31%).



A produtividade do Brasil está quase estagnada desde 2000; hoje, é pouco mais da metade do nível alcançado no México.

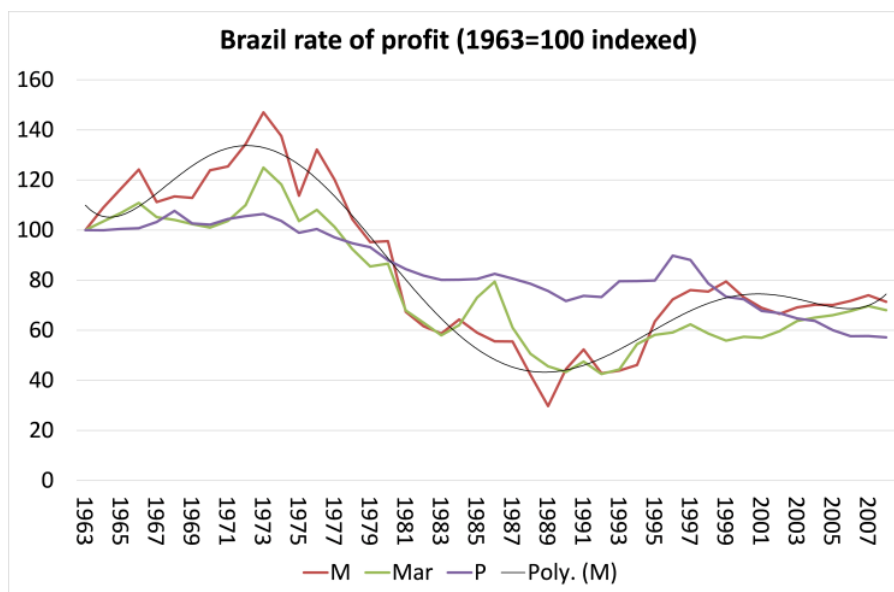


De acordo com a McKinsey, consultora global de gestão, mais da metade da população brasileira permanece abaixo de uma renda mensal per capita de R\$ 560. Cortar esse nível de pobreza para menos de 25% exigiria uma produtividade quatro vezes mais

rápida que a taxa atual. E não há perspectiva disso sob o capitalismo no Brasil. Isso porque a lucratividade do capital brasileiro é baixa e continua baixa.

A lucratividade do setor capitalista dominante do Brasil estava em declínio secular, impondo pressão descendente contínua sobre o investimento e o crescimento. Claro, a derrubada dos regimes militares e o aumento dos preços das commodities reverteram a queda da lucratividade por um tempo. Mas a lucratividade agora ainda está bem abaixo de seus melhores anos no início dos anos 2000.

O gráfico abaixo mostra três medidas indexadas (1963=100) (M= Maito; Mar = Marquetti; P = mina com base nas tabelas da Penn World e poli = média suavizada).



Mesmo que Temer sobreviva, a elite governante do Brasil enfrenta uma tarefa difícil de impor controle sobre sua classe trabalhadora e cortar gastos públicos e salários, e assim atrair capital estrangeiro significativo. A elite governante tem mais probabilidade de fugir com seu capital a qualquer sinal de dificuldade. Então o capitalismo brasileiro ficará preso em um futuro de baixo crescimento e baixa lucratividade com paralisia política e econômica contínua. E isso sem uma nova recessão global surgindo no horizonte.